

Artigos Originais

ANÁLISE DO PANORAMA DA VIOLÊNCIA ENFRENTADA PELOS JOVENS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Original Articles

ANALYSIS OF THE OVERVIEW OF VIOLENCE FACED BY YOUNG PEOPLE IN BRAZILIAN SCHOOLS

Letícia Favaretto*

<http://lattes.cnpq.br/7091770656890683>

Kalinca Léia Becker**

kalincabecker@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9082069520269585>



CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)



RESUMO: Este estudo analisou as diversas formas de violências as quais os adolescentes brasileiros estão expostos. Para tal utilizou-se os dados agregados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) realizada em 2019. Os dados foram submetidos à análise descritiva, subdividiu-se a análise por sexo, dependência administrativa da escola e região do país. Os resultados apontam que a violência atinge os adolescentes de maneira distinta conforme seu sexo e inserção social, enquanto as meninas estão mais suscetíveis a insegurança, violência sexual e as experiências verbais do *bullying*, os meninos estão mais expostos a violência física, com uso de armas e experiências físicas do *bullying*. As regiões norte, nordeste e sudeste são as mais inseguras, no centro-oeste predomina a violência com uso de armas, e no sul e sudeste a prática de *bullying*. A vivência de violências é mais comum entre estudantes de escolas públicas. No que tange ao consumo de álcool, cigarro e substâncias ilícitas, o consumo tem aumentado entre as meninas, além disso, chama a atenção o aumento no consumo de produtos como o narguilé e cigarro eletrônico.

Palavras-chave: Adolescentes; Situações de violência; Consumo de drogas;

ABSTRACT: This study analyzed the different forms of violence to which Brazilian adolescents are exposed. For this, aggregated data from the National School Health Survey (PeNSE) carried out in 2019 were used. The data were subjected to descriptive analysis, the analysis was subdivided by sex,

* Universidade Federal de Santa Maria

** Universidade Federal de Santa Maria

administrative dependency of the school and region of the country. The results show that violence affects adolescents differently according to their sex and social insertion, while girls are more susceptible to insecurity, sexual violence and verbal experiences of bullying, boys are more exposed to physical violence, with the use of weapons. and physical experiences of bullying. The North, Northeast and Southeast regions are the most unsafe, in the Center-West, violence with the use of weapons predominates, and in the South and Southeast, bullying is practiced. The experience of violence is more common among public school students. Regarding the consumption of alcohol, cigarettes and illicit substances, consumption has increased among girls, in addition, the increase in the consumption of products such as hookah and electronic cigarettes stands out.

Keywords: Teenagers; Situations of violence; Drug consumption;

INTRODUÇÃO

O envolvimento dos adolescentes com a violência, seja como vítima ou como praticante interfere diretamente na qualidade de vida dos mesmos, e também impacta os familiares, amigos e a comunidade em geral, podendo provocar doenças, mortes, incapacidades, comportamentos de risco em saúde e desempenho escolar insatisfatório (OMS, 2002; 2015).

A violência se trata de um fenômeno multicausal fortemente relacionado com desigualdades econômicas e culturais, embora também esteja relacionada com aspectos subjetivos e comportamentais vigentes em cada sociedade (MALTA et al., 2010a).

De acordo com a OMS, a violência contra crianças e adolescentes pode ser dividida em quatro tipos: física, sexual, emocional ou psicológica (WHO, 2008). Ademais, a utilização de drogas está diretamente relacionada com situações de violência à medida em que seu consumo e comercialização desencadeiam eventos violentos (ANDRADE et al., 2012).

Os impactos da violência geram diversas consequências negativas para a sociedade. Dessa forma, é essencial a elaboração de intervenções eficazes que minimizem a ocorrência e os prejuízos decorrentes desse fenômeno. Sendo assim, este artigo busca analisar as situações de violência escolar e familiar vivenciadas pelos adolescentes brasileiros, com idade entre 13 e 17 anos.

Neste sentido, é avaliado o envolvimento deste segmento com situações de violência física, uso de armas, violência psicológica, violências perpetradas por familiares, violência sexual e consumo de drogas. Além disso, a análise é segregada por sexo, dependência administrativa da escola e por regiões, para melhor compreender como a violência atua sobre diferentes grupos de indivíduos.

METODOLOGIA

Os dados aqui apresentados provêm da quarta edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2019 realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde. Este estudo transversal envolveu escolares de 13 a 17 anos de escolas públicas e privadas de todo o país, a coleta de dados aconteceu entre abril e setembro de 2019.

A amostra foi dimensionada conforme o Censo Escolar de 2017, de modo a estimar parâmetros populacionais para o Brasil, cinco grandes regiões geográficas do país, unidades da federação, municípios das capitais e Distrito Federal. O plano amostral da pesquisa foi definido como uma amostra de conglomerados em dois estágios, cujas escolas correspondem ao primeiro estágio de seleção e as turmas de alunos matriculados ao segundo. O conjunto dos estudantes das turmas selecionadas formaram a amostra de alunos.

Cada uma das capitais foi definida como um estrato geográfico, os demais municípios, que não capitais, foram agrupados de acordo com sua unidade da federação. Assim, foi obtido um total de 53 estratos geográficos, sendo dois estratos para cada um dos estados e um para o Distrito Federal.

Em 2019 foram coletados dados em 4.253 escolas, onde 160.721 alunos responderam ao questionário, destes, 125.123 questionários foram analisados. A coleta foi realizada com o Dispositivo Móvel de Coleta - DMC, que corresponde a um *smartphone* onde são inseridos os questionários estruturados. O Questionário do Aluno é preenchido pelos escolares da turma selecionada e o Questionário do Ambiente Escolar é preenchido pelo(a) diretor(a) ou responsável da escola selecionada.

Para a elaboração deste artigo foram considerados os seguintes aspectos: violência e insegurança no ambiente escolar, incluindo o trajeto casa-escola, violência psicológica entre escolares (prática de *bullying*), situações de violência física envolvendo o uso de armas e violência intrafamiliar, violência sexual e consumo de drogas. Utilizou-se as tabelas com os dados agregados, disponíveis no site do IBGE. Os resultados também foram analisados por sexo, dependência administrativa da escola e Grandes Regiões.

A realização da Pesquisa foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP por meio do parecer nº 3.249.268, de 08 de abril de 2019.

RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados separadamente conforme os tópicos analisados, que são eles: insegurança no ambiente escolar, violência física e psicológica no ambiente escolar, situações de violência física e uso de armas, assédio e violência sexual, consumo de bebidas alcoólicas, cigarro e outras drogas.

Insegurança no ambiente escolar

As manifestações de violência urbana têm se tornado cada vez mais comuns no Brasil, sua ocorrência afeta a sociedade como um todo e assim acaba atingindo também o espaço escolar, tanto no seu entorno como também dentro da escola (MALTA et al., 2010b). A escola é a terceira localidade de maior ocorrência de eventos de violência contra adolescentes, ficando atrás da residência e de vias públicas (BRASIL, 2017).

A Tabela 1 apresenta o percentual de estudantes entre 13 e 17 anos que vivenciaram algum tipo de situação de insegurança no ambiente escolar ou em seu entorno, além do total, são apresentados os resultados segundo sexo e dependência administrativa da escola.

Tabela 1 – Percentual de escolares que vivenciou situações de insegurança no ambiente escolar e em seu entorno.

Situações de insegurança	Total	Sexo		Dependência Administrativa	
		Masculino	Feminino	Pública	Privada
Insegurança no trajeto casa-escola	11,6	10,4	12,7	12,5	6,1
Insegurança na escola	10,8	9,4	12,1	11,4	7,1
Suspensão de aulas por motivo de violência	8,0	-	-	8,5	5,1

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

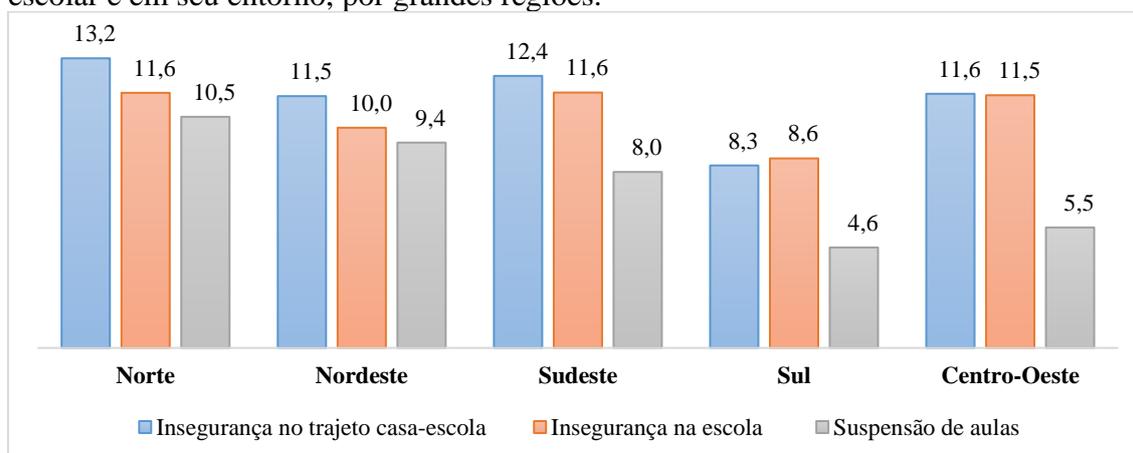
Observa-se que, nos trinta dias anteriores à pesquisa, 11,6% dos estudantes deixaram de comparecer às aulas pois não se sentiam seguros no caminho de casa para a escola e 10,8% dos estudantes deixaram de ir às aulas por não se sentirem seguros na escola. Em ambas as situações, a sensação de insegurança é maior entre estudantes do sexo feminino e entre estudantes de escolas públicas.

Além disso, 8% dos adolescentes brasileiros frequentam escolas que tiveram que interromper as aulas alguma vez, nos doze meses anteriores à pesquisa, por motivos de falta de segurança e violência. Nas escolas públicas esse percentual é de 8,5%, enquanto nas escolas privadas é de 5,1%.

Segundo Pinto et al. (2018) a insegurança no trajeto casa-escola e no ambiente escolar em si, é consequência direta da ausência do Estado na provisão da segurança pública, transporte público e infraestrutura urbana, especialmente naqueles lugares onde há maior pobreza, desigualdade e conflitos sociais.

A Figura 1 apresenta os resultados das situações de insegurança no ambiente escolar com recorte regional, para as cinco grandes regiões do país.

Figura 1 - Percentual de escolares que vivenciou situações de insegurança no ambiente escolar e em seu entorno, por grandes regiões.



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 - IBGE (2022).

Os estudantes que se sentem mais inseguros no trajeto casa-escola são os moradores da região Norte (13,2%) seguidos pelos escolares da região Sudeste (12,4%). Os estudantes que se sentem mais inseguros na escola são os do Norte, Sudeste e Centro-Oeste e o maior percentual de estudante em escolas que tiveram que suspender suas aulas por motivo de falta de segurança e violência estão no Norte (10,5%) e Nordeste (9,4%).

De acordo com Malta et al. (2010a), a maior prevalência da insegurança no trajeto e na escola entre os estudantes de escolas públicas e em algumas regiões do país revelam a distribuição desigual da violência, adolescentes se encontram expostos em maior ou menor grau, conforme a sua inserção social.

Violência Física e Psicológica: a prática de bullying entre escolares

O *bullying* compreende um subconjunto de comportamentos agressivos, repetidos e intencionais marcados pela opressão, humilhação e desequilíbrios de poder, onde uma pessoa ou grupo consegue subjugar outra pessoa/grupo em função de sua posição de poder e força (FANTE, 2005). Considerado uma forma de violência escolar, o *bullying* não deve ser normalizado, pois ele é um indicador de risco para a adoção de comportamentos agressivos, com o uso de armas e lesões graves (NESSELO, et al., 2014).

Na Tabela 2 apresenta-se o percentual de estudantes entre 13 e 17 anos que vivenciaram algum tipo de situação de violência psicológica e física

no ambiente escolar, além do total, são apresentados os resultados segundo sexo e dependência administrativa da escola.

Tabela 2 – Percentual de escolares que vivenciou alguma situação de violência física ou psicológica na escola.

Situações de violência física e psicológica na escola	Total	Sexo		Dependência Administrativa da escola	
		Masculino	Feminino	Pública	Privada
Sofreu <i>bullying</i> de algum(a) colega	39,1	34,4	43,7	38,9	39,6
Praticou <i>bullying</i> com algum(a) colega	12,0	14,6	9,5	11,8	13,5
Sofreu agressão física de algum(a) colega	14,0	16,5	11,5	13,7	15,9

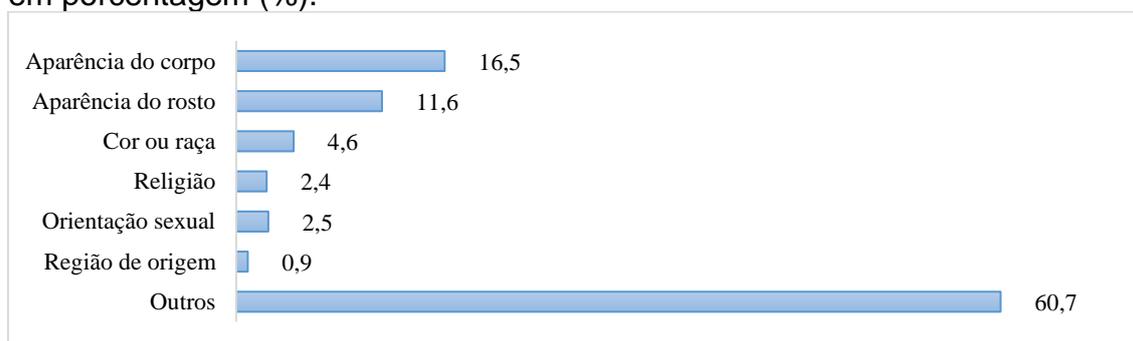
Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 - IBGE (2022).

Cerca de 39,1% dos estudantes sofreu algum tipo de provocação de colegas que fez com que se sentisse humilhado. Na comparação por sexo, as meninas estão mais suscetíveis a esta situação do que os meninos, nos 30 dias anteriores à pesquisa 43,7% das estudantes afirmaram ter sofrido *bullying* frente a 34,4% dos estudantes do sexo masculino. A ocorrência de maus-tratos entre colegas de escola pode levar a problemas comportamentais e emocionais, entre eles, a diminuição ou perda de autoestima, baixo rendimento escolar e insegurança na escola (NANSEL et al., 2001).

Em relação à dependência administrativa da escola, embora a diferença seja pequena, o percentual de estudantes que passou por algum tipo de humilhação é maior nas escolas privadas do que nas públicas. Infelizmente, a prática de *bullying* é reportada na maioria das escolas, independentemente dos aspectos sociais, culturais e econômicos dos seus estudantes (MELLO et. al., 2018).

Os estudantes foram questionados também sobre a causa/motivação de terem sido zombados e humilhados pelos colegas. A maioria dos estudantes não identificou as causas de ter sido vítima de *bullying*, respondendo ao questionário a opção “outros”. Em seguida, o principal motivo foi a aparência física, do corpo e do rosto, cor/raça, religião, orientação sexual e região de origem.

Figura 2 – Principais motivações/causas de ter sofrido *bullying* pelos colegas, em porcentagem (%).

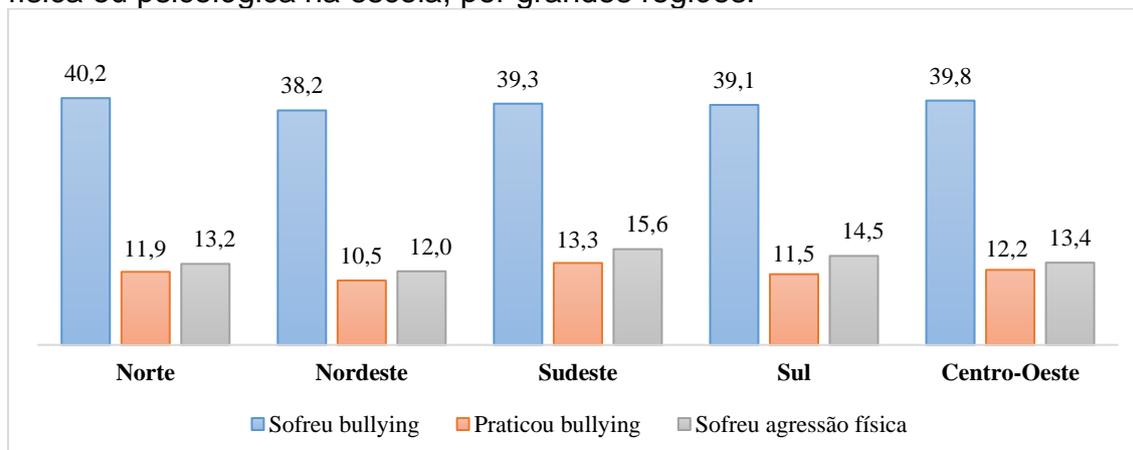


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 - IBGE (2022).

Entre os escolares brasileiros de 13 a 17 anos, 12% deles afirmaram ter zombado ou intimidado algum colega da escola nos trinta dias anteriores à pesquisa, praticar maus-tratos com os colegas é mais comum para os estudantes do sexo masculino e de escolas privadas. O *bullying* pode resultar em prejuízos para o agressor também, estudos demonstraram que esses adolescentes apresentaram maior envolvimento com a criminalidade na vida adulta (TTOFI et al., 2011).

Ademais, 14% dos escolares brasileiros relataram ter sido machucados por algum de seus colegas (com socos, tapas, chutes, pontapés e etc.). Ser agredido fisicamente pelos colegas é mais comum entre os estudantes do sexo masculino e nas escolas particulares. Destaca-se a diferença entre os gêneros, para os meninos o percentual é de 16,5% e para as meninas 11,5%. Conforme Iossi Silva et al. (2013) tanto meninos quanto meninas se envolvem em situações de violência escolar. No entanto, as meninas costumam se engajar em experiências indiretas ou verbais, enquanto os meninos estão mais propensos à experiência física do *bullying*.

Figura 3 – Percentual de escolares que vivenciou alguma situação de violência física ou psicológica na escola, por grandes regiões.



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 - IBGE (2022).

Na análise por regiões, verificou-se que, ser vítima de *bullying* é mais comum na região Norte e menos comum no Nordeste. Com relação à prática de *bullying*, este comportamento foi relatado mais frequentemente pelos estudantes do Sudeste e é menos comum entre os estudantes do Nordeste. Ter sido vítima de agressão física pelos colegas foi relatado, principalmente, pelos estudantes do Sudeste e do Sul.

Situações de violência física e uso de armas

A principal forma de violência registrada no mundo é a violência interpessoal, sua definição é uso intencional de poder e força, de forma real ou por ameaça, contra uma pessoa ou grupo, tal que cause ou possa causar morte por lesões, danos corporais ou psicológicos e prejuízos no desenvolvimento (WHO, 2014). A violência interpessoal foi a principal causa de morte de homens com idade entre 10 e 24 anos no Brasil, e para as mulheres desta mesma faixa etária, foi a segunda, ficando atrás de acidentes de trânsito (MALTA et al., 2021).

Ser vítima de violência na adolescência aumenta a probabilidade de desenvolver transtornos de humor e de ansiedade, uso abusivo de álcool e drogas ilícitas na vida adulta (NORMAN et al., 2012). Nesta seção, foram analisados diversos tipos de violência, entre eles, a violência armada, quando se utiliza armas para ferir ou ameaçar outras pessoas e a intrafamiliar, quando ocorre entre parentes.

Tabela 3 – Percentual de escolares que vivenciou situações de violência física e uso de armas.

Situações de violência física e uso de armas	Total	Sexo		Dependência Administrativa da escola	
		Masculino	Feminino	Pública	Privada
Se envolveu em briga com luta física	10,6	14,6	6,7	10,7	10,2
Se envolveu em briga com uso de arma de fogo	2,9	4,4	1,5	3,1	1,5
Se envolveu em briga com uso de arma branca	4,8	6,7	3,0	5,1	3,0
Sofreu agressão de pai/mãe ou responsável	21,0	19,9	22,1	20,6	23,6
Sofreu agressão de alguma pessoa (excluindo pai/mãe ou responsável)	13,2	14,4	12,1	12,7	16,4

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

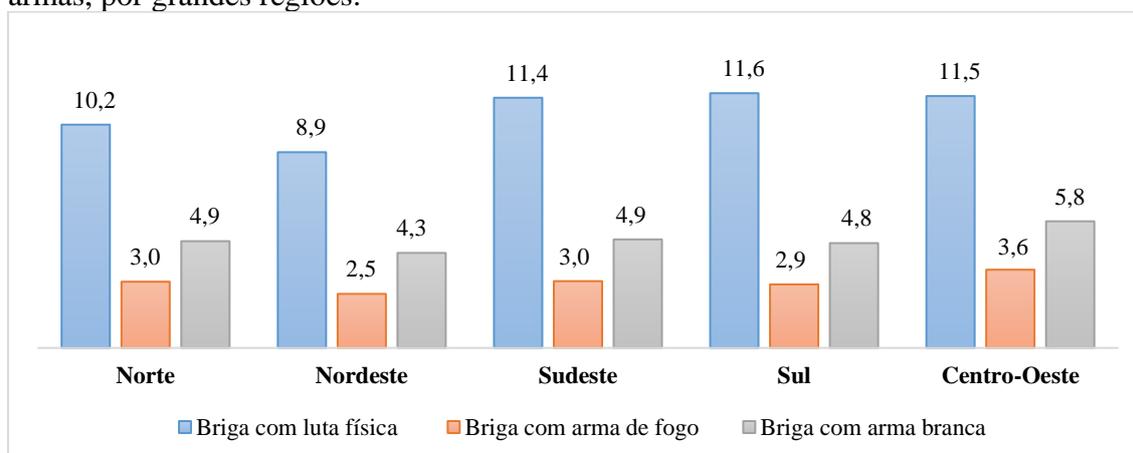
Nos 30 dias que antecederam a pesquisa, aproximadamente 10,6% dos escolares se envolveram em briga com luta física, 2,9% se envolveram em briga com arma de fogo e 4,8% se envolveram em briga com arma branca (faca, canivete, peixeira, pedra, pedaço de pau ou garrafa). As três situações descritas acima, são mais comuns entre estudantes do sexo masculino e estudantes de escolas públicas.

Esses resultados são corroborados pela literatura, que demonstra que, as violências afetam mais frequentemente indivíduos do sexo masculino, refletindo questões de gênero e papéis sexuais legitimados culturalmente na sociedade, na qual a masculinidade se vincula a atos de violência, força e agressividade (SOUZA, 2005; GUIMARÃES E PASIAN, 2006).

A maior prevalência de envolvimento em brigas, especialmente aquelas com uso de armas, entre os estudantes de escolas públicas, demonstra que a condição econômica é um fator de risco para situações de violência, atrelada as desigualdades no acesso à moradia, saúde, educação cultura e lazer (MALTA et al., 2010b; OMS, 2015).

A análise das situações de envolvimento em brigas com recorte regional é apresentada na Figura 4. Nela pode-se observar que o percentual de adolescentes envolvidos em brigas com luta física é maior na região Sul do país, e muito semelhante nas regiões Centro-Oeste e Sudeste. O uso de armas de fogo e armas brancas durante brigas ocorre com maior frequência na região Centro-Oeste.

Figura 4 - Percentual de escolares que vivenciou situações de violência física e uso de armas, por grandes regiões.

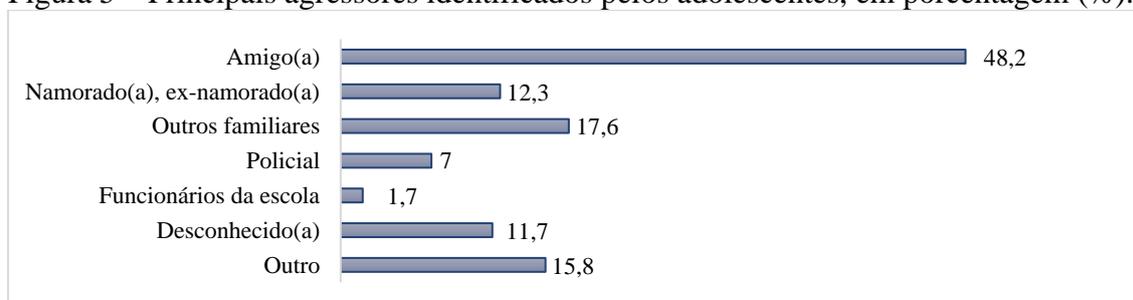


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

Com relação à violência intrafamiliar, os adolescentes foram questionados se haviam sido agredidos pelos pais ou responsáveis nos doze meses anteriores à pesquisa, cerca de 21% deles foi agredido pelo menos uma vez. Nesse caso, as meninas foram agredidas com mais frequência, assim como os estudantes de escolas privadas, o que indica que a violência intrafamiliar ocorre nos mais diversos estratos sociais.

Além disso, também se analisou as agressões sofridas pelos adolescentes, que não foram praticadas por seus pais ou responsáveis. Nesse caso, 13,2% dos adolescentes afirmaram ter sido vítimas nos doze meses antecedentes à pesquisa, a incidência foi maior entre os meninos e estudantes de escolas privadas. Na Figura 5, pode-se observar quem foram os principais agressores.

Figura 5 – Principais agressores identificados pelos adolescentes, em porcentagem (%).



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

Os adolescentes foram agredidos, principalmente por amigos, namorado(a) ou ex-namorado(a) e por outros familiares. Destaca-se também os “desconhecidos”, provavelmente em situações de violência ocorridas em vias públicas, e a violência policial que afetou cerca de 7% dos adolescentes.

Assédio e Violência sexual

A violência sexual pode ser entendida como o ato ou tentativa do ato sexual, comentários sexuais indesejáveis ou investidas contra a sexualidade de uma pessoa a partir da coerção (OMS, 2002). A ocorrência de violência sexual, pode deixar diversas sequelas psicológicas nas vítimas, entre elas, baixa autoestima, depressão, raiva, agressão, dificuldades sexuais, pensamentos suicidas e baixo desempenho escolar (SANTOS et al., 2018).

Em 2019, a PeNSE investigou a violência sexual sob uma perspectiva mais abrangente, que inclui desde o assédio sexual até a relação sexual forçada, conhecida também como abuso sexual ou estupro. Os resultados podem ser verificados na tabela abaixo.

Tabela 4 – Percentual de escolares que vivenciou situações de violência sexual.

Situações de violência sexual	Sexo			Dependência Administrativa da escola	
	Total	Masculino	Feminino	Pública	Privada
Sofreu assédio sexual alguma vez na vida	14,6	9,0	20,1	14,4	16,3
Foi forçado(a) a ter relação sexual alguma vez na vida	6,3	3,7	8,8	6,5	4,9

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019. (IBGE, 2022).

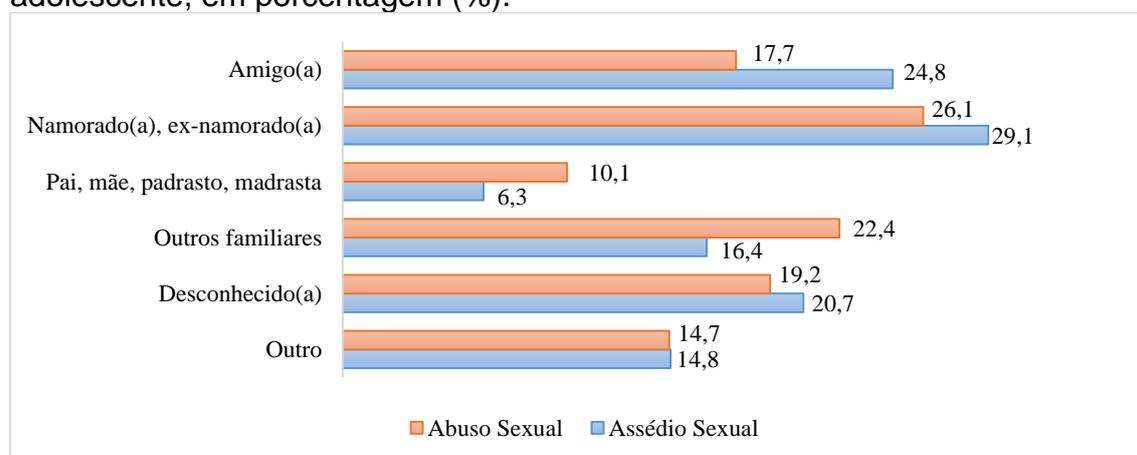
Considerou-se assédio sexual quando o adolescente afirmou que alguém o(a) tocou, manipulou, beijou ou expôs partes do corpo contra a sua vontade. Cerca de 14,6% dos escolares afirmou já ter passado por essa situação alguma vez na vida. As meninas foram as que mais reportaram este tipo de violência, 20,1% delas já havia vivenciado esta situação, enquanto para os meninos este percentual é de 9,0%. O assédio foi mais comum entre estudantes de escolas privadas.

Os adolescentes também foram questionados se já tinham vivido alguma situação em que foram forçados a ter relação sexual com outro alguém, esse ato é considerado uma violência sexual grave, também é conhecido como

estupro. Os resultados indicam que 6,3% dos estudantes já vivenciaram essa situação, entre as meninas o percentual chega a 8,8%, entre os meninos esse percentual é de 3,7%. A incidência é maior entre os estudantes de escolas públicas com um percentual de 6,5% frente a 4,9% nas escolas privadas.

Quando questionados sobre quem praticou a violência, percebe-se que na maioria dos casos foram os próprios parceiros (as), amigos (as), familiares e desconhecidos, conforme apresentado na Figura 6.

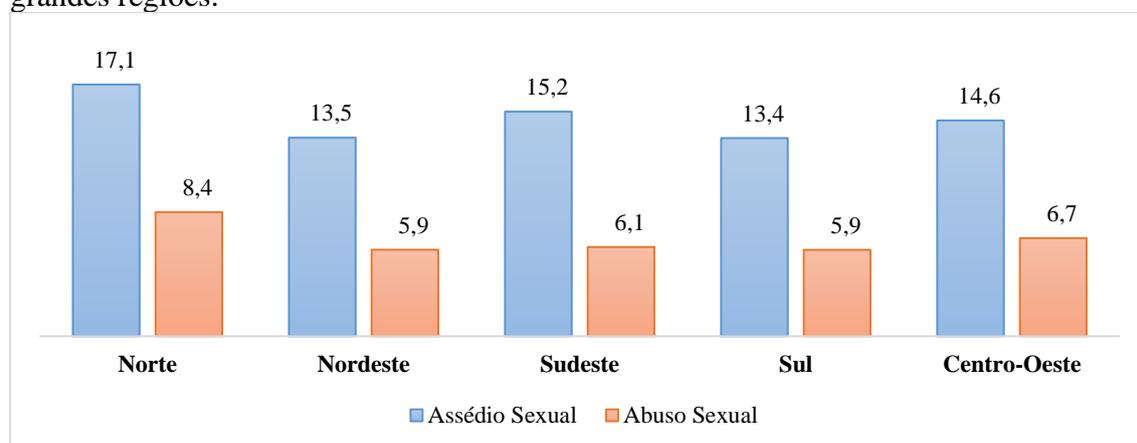
Figura 6 – Identificação de quem praticou violências sexual contra o adolescente, em porcentagem (%).



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

Esses resultados são corroborados pela literatura, que indica que a maioria dos casos de violência sexual ocorre dentro das relações familiares e afetivas, sendo as mulheres as principais vítimas (NORMAN et al., 2012; TERRIBELE; MUNHOZ, 2021).

Figura 7 – Percentual de escolares que vivenciou situações de violência sexual, por grandes regiões.



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

Analisando pelo aspecto regional, percebe-se que os estudantes da região Norte estão mais suscetíveis, tanto ao assédio sexual, quanto aos casos de abuso sexual (estupro). Enquanto os escolares do Nordeste e Sul foram os que menos reportaram ter vivenciado experiências de violência sexual.

Consumo de bebidas alcoólicas, cigarro e outras drogas

O uso de substâncias psicoativas como tabaco, álcool e outras drogas ilícitas, quando iniciado precocemente, se associa a uma série de problemas sociais e de comportamento, como problemas de saúde física e mental, e comportamento violento e agressivo. Além disso, contribui para níveis mais elevados de consumo na vida adulta (GRIFFIN & BOTVIN, 2010).

A adolescência é um período marcado por mudanças e maior vulnerabilidade às influências externas, por isso, é considerada uma fase crítica para comportamentos que oferecem risco à saúde (SILVEIRA; MARUSCHI; BAZON, 2012). Conforme Alwan et al. (2011) a iniciação no consumo de substâncias psicoativas pode ser explicada por fatores como testar coisas novas, influência de amigos, desafiar os limites impostos por leis ou pelos pais/responsáveis, sentimento de solidão entre outras motivações.

Na tabela abaixo são apresentados alguns resultados a respeito da experimentação de drogas pelos adolescentes. O álcool é a droga que a maior parte dos adolescentes de 13 a 17 anos já experimentou, o Narguilé é a segunda droga mais experimentada, seguida pelo cigarro, cigarro eletrônico, drogas ilícitas e outros produtos do tabaco.

Tabela 5 – Percentual de escolares que já experimentaram algum tipo de droga.

Experimentação de bebidas alcoólicas, cigarro e drogas ilícitas	Total	Sexo		Dependência Administrativa da escola	
		Masculino	Feminino	Pública	Privada
Experimentou bebida alcoólica alguma vez	63,3	59,6	66,9	63,5	62,1
Fumou cigarro alguma vez	22,6	22,5	22,6	23,7	15,7
Experimentou Narguilé alguma vez	26,9	27,8	26,1	27,9	21,0
Experimentou cigarro eletrônico alguma vez	16,8	19,1	14,6	16,6	18,0
Experimentou outros produtos do tabaco*	9,3	10,1	8,6	9,5	8,4
Experimentou drogas ilícitas** alguma vez	13,0	13,0	13,0	13,3	11,4

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

* cigarros de palha ou enrolados a mão, charuto, cachimbo, cigarrilha, cigarro indiano (bidi), cigarro de cravo (bali), rapé, fumo de mascar.

** maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança-perfume, ecstasy, oxi, MD, skank, LSD.

O percentual de experimentação de drogas é maior entre os estudantes de escolas públicas, exceto para o cigarro eletrônico, que predomina entre os alunos de escolas particulares. Em relação ao sexo, chama a atenção o percentual de experimentação de bebida alcoólica por parte das meninas, bem acima do percentual dos meninos, já na experimentação de cigarro eletrônico, os meninos estão bem à frente das meninas.

De acordo com Faria et al. (2015) drogas ilícitas como a maconha, cocaína e o crack, acabam despertando curiosidade nos adolescentes, assim o percentual de experimentação costuma ser elevado. Em 2019, cerca de 13% dos estudantes com idade entre 13 e 17 anos já havia experimentado algum tipo de droga ilícita.

O uso regular de álcool, cigarro e outras drogas também foi investigado pela PeNSE. Os escolares foram questionados sobre o consumo nos 30 dias que antecederam a pesquisa. Os resultados são apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 – Percentual de escolares que consome algum tipo de droga regularmente.

Uso atual de bebidas alcoólicas, cigarro e drogas ilícitas	Total	Sexo		Dependência Administrativa da escola	
		Masculino	Feminino	Pública	Privada
Consumo de bebida alcoólica nos últimos 30 dias	28,1	26,0	30,1	28,1	27,6
Consumo de cigarro nos últimos 30 dias	6,8	7,1	6,5	7,2	4,4
Consumo de drogas ilícitas nos últimos 30 dias	5,1	5,6	4,7	5,3	4,4
Consumo de maconha nos últimos 30 dias	5,3	5,8	4,8	5,5	4,4
Consumo de crack nos últimos 30 dias	0,6	0,8	0,3	0,6	0,2

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

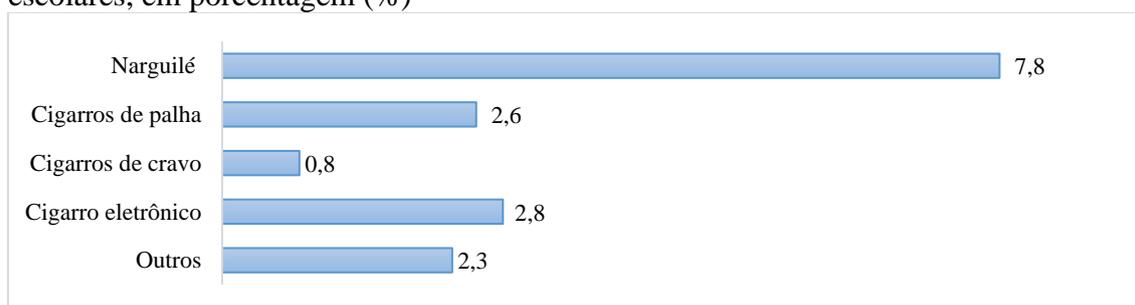
O álcool é a droga mais consumida pelos adolescentes brasileiros, Malta et al. (2018) apontam que seu uso inclusive é socialmente estimulado, diferentemente do que ocorre com o tabaco, por exemplo. O percentual de meninas que consome álcool regularmente foi maior do que o de meninos, esse resultado reflete mudanças de comportamento em questões de gênero, assim é necessário dar maior atenção à inserção das meninas nas cadeias de consumo, não só de álcool, mas também de outras drogas (HORTA et al., 2018).

Além disso, 6,8% dos estudantes consumiu cigarro, e 5,1% dos estudantes consumiu alguma droga ilícita nos 30 dias anteriores à pesquisa, entre as drogas ilícitas, há um consumo regular de maconha muito maior do que de crack.

O consumo regular de drogas é maior entre estudantes de escolas públicas, em geral, essas escolas atendem populações de áreas urbanas com infraestrutura e investimento social precários, o que as torna mais vulneráveis a diversos tipos de violência, e favorece o surgimento e expansão do mercado de drogas (FIGUEIREDO, 2016).

Também foi investigado o consumo regular de produtos derivados do tabaco, assim os adolescentes responderam quais produtos eles haviam consumido nos últimos 30 dias, os resultados são apresentados na Figura 8.

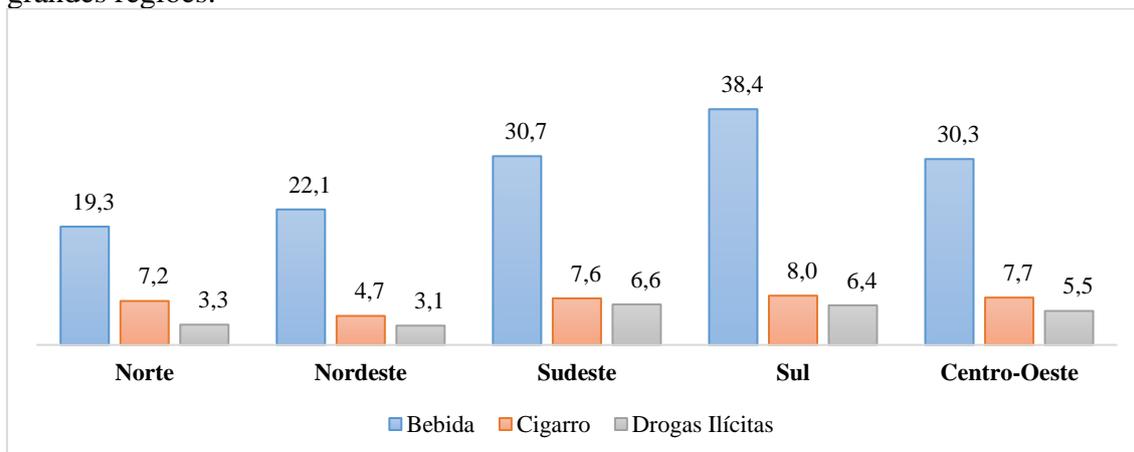
Figura 8 – Principais produtos derivados do tabaco consumidos regularmente pelos escolares, em porcentagem (%)



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

O produto mais consumido foi o narguilé, seguido pelo cigarro eletrônico, cigarro de palha, entre outros produtos não identificados. Há uma tendência mundial de aumento no consumo destes produtos entre os jovens, especialmente narguilé e cigarro eletrônico, parece haver uma idealização de que estes derivados trariam menos malefícios à saúde, o que não é verdade (RIBEIRO et al., 2019).

Figura 9 - Percentual de escolares que consome algum tipo de droga regularmente, por grandes regiões.



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019 – IBGE (2022).

Analisando o consumo regular de drogas por um ângulo regional, constata-se que o consumo de álcool, cigarro e outras drogas ilícitas prevalece entre os estudantes da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Esses resultados podem indicar que estudantes de regiões com maior renda no país e, portanto, maior poder de compra, estão mais expostos, além disso, pode haver maior circulação destes produtos nestas localidades, resultados semelhantes foram encontrados por Horta et al. (2018).

CONCLUSÃO

Este artigo procurou analisar as diversas situações de violência envolvendo os adolescentes brasileiros, tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar. Buscou-se também segregar a análise para diferentes grupos, afim de compreender melhor como a violência incide de maneira diversa sobre os adolescentes conforme o sexo, a condição financeira da família e a região onde habita.

A sensação de insegurança no ambiente escolar e seu entorno afeta entre 10% e 12% dos adolescentes, sendo mais comum entre as meninas e entre estudantes de escolas públicas, onde também houve mais episódios de suspensão de atividades escolares em consequência de violências e insegurança, as regiões Norte, Sudeste e Nordeste são as mais inseguras.

Ser vítima de *bullying* afetou aproximadamente 40% dos escolares, as meninas foram insultadas ou humilhadas por colegas com maior frequência, já a prática de *bullying* contra os colegas é reportada principalmente pelos meninos, bem como, a experiência física do *bullying*, que envolve sofrer agressão. Com relação a dependência administrativa da escola, todas as situações descritas prevaleceram nas escolas privadas.

As situações de envolvimento em brigas com luta física, com o uso de armas de fogo e armas brancas ocorre especialmente entre escolares do sexo masculino e de escolas públicas. Ser vítima de violência intrafamiliar é mais comum entre meninas e estudantes de escolas privada, ser vítima de agressão por outras pessoas, que não os responsáveis, é mais comum entre os meninos e estudantes de escolas privadas.

Com relação à violência sexual, o assédio afeta principalmente mulheres e foi mais comum entre estudantes de escolas privadas, já o abuso sexual, quando o/a adolescente foi forçado(a) a ter relações sexuais, afeta principalmente as meninas e estudantes de escolas públicas, ambas as violências foram mais reportadas por escolares do Norte do país.

No que tange ao consumo de drogas, a mais consumida é o álcool, especialmente pelas estudantes do sexo feminino, além disso, os estudantes de escolas públicas reportaram maior consumo regular de álcool, cigarro e drogas ilícitas do que os estudantes de escolas privadas. Cabe destacar o consumo de produtos derivados do tabaco, como o narguilé e o cigarro eletrônico. Os escolares das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste são os que mais consomem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sylvania Suely Caribé de Araújo et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 1725-1736, 2012.

ALWAN, Heba et al. Association between substance use and psychosocial characteristics among adolescents of the Seychelles. **BMC pediatrics**, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigilância de acidentes e violências 2013-2014. Brasília: Ministério da Saúde; 2017.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Verus Editora, 2005.

FARIA, Edson Arantes et al. Perceptions of adolescent students about drugs. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 68, p. 517-523, 2015.

FIGUEIREDO, Gustavo de Oliveira. Los jóvenes en favelas de Rio de Janeiro, Brasil: de la vulnerabilidad social a las oportunidades para el desarrollo humano. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2437-2450, 2016.

GRIFFIN, Kenneth W.; BOTVIN, Gilbert J. Evidence-based interventions for preventing substance use disorders in adolescents. **Child and adolescent psychiatric clinics of North America**, v. 19, n. 3, p. 505, 2010.

GUIMARÃES, Nicole Medeiros; PASIAN, Sonia Regina. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Psicologia em Estudo**, v. 11, p. 89-97, 2006.

HORTA, Rogério Lessa et al. Prevalência e condições associadas ao uso de drogas ilícitas na vida: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

IOSSI SILVA, Marta Angélica et al. The involvement of girls and boys with bullying: an analysis of gender differences. **International journal of environmental research and public health**, v. 10, n. 12, p. 6820-6831, 2013.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 3053-3063, 2010a.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, 2010b.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4069-4086, 2021.

MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-2009 a 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, p. e180015, 2018.

NANSEL, Tonja R. et al. Bullying behaviors among US youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. **Jama**, v. 285, n. 16, p. 2094-2100, 2001.

NESELLO, Francine et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 14, p. 119-136, 2014.

NORMAN, Rosana E. et al. The long-term health consequences of child physical abuse, emotional abuse, and neglect: a systematic review and meta-analysis. **PLoS medicine**, v. 9, n. 11, p. e1001349, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; KRUG, Etienne G. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências**. 2015.

PINTO, Isabella Vitral et al. Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

RIBEIRO, Sasha Carla et al. O consumo de derivados do tabaco por adolescentes: Revisão integrativa da literatura. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 9, n. 51, p. 2005-2012, 2019.

SANTOS, Marconi de Jesus et al. Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola-Brasil, 2010-2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, 2018.

SILVEIRA, Maria Angélica de Souza da; MARUSCHI, Maria Cristina; BAZON, Marina Rezende. Risk and protection for adolescents engaged in practices of offensive conduct. **Journal of Human Growth and Development**, v. 22, n. 3, p. 348-357, 2012.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & saúde coletiva**, v. 10, p. 59-70, 2005.

TERRIBELE, Flora Beatriz Proiette; MUNHOZ, Tiago Neuenfeld. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 241-254, 2021.

TTOFI, Maria M. et al. Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. **Journal of Aggression, Conflict and Peace Research**, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). World report on child injury prevention. Geneva: WHO/Unicef; 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Global status report on violence prevention 2014**. World Health Organization, 2014.